

CAPÍTULO 5.5.

Repertorio de recursos cultural-artístico

Cultural-artistic resources repertoire

Ana-Vanêssa LUCENA^{265.)}

Resumo

A escola primária pode oferecer aos alunos a oportunidade de ver outras coisas, de olhar de forma diferente, com curiosidade ativa, para o seu património artístico. Consideramos os professores como os principais mediadores. A descoberta de um artista, de um atelier, é uma fonte quase inesgotável de projetos que se prestam a uma exploração didática dirigida. Mas como desencadear uma dinâmica de parceria entre professores e criadores artísticos?

Para uma reflexão sobre a direção que os estudantes, futuros professores, deveriam olhar para poder apreciar e escolher recursos artísticos compatíveis com o seu ensino, foi necessário que estes questionassem os artistas sobre a sua arte e a importância da presença artística na sala de aula.

Os estudantes entrevistam os artistas pessoalmente durante seus estudos e, por meio de discussões em cursos, elaboram um repertório de recursos artístico-culturais de sua região com artistas disponíveis para intervir nas aulas.

Palavras-chave: formação inicial, educação artística, recursos didáticos

Abstract

Primary school can give children the opportunity to observe their artistic environment differently, to uncover more through their active curiosity. Educators are the main mediators of this process. Discovering artists and workshops represents an almost endless source of projects suitable to a precise didactic exploitation. The challenge thus becomes sparking partnerships between educators and creatives.

For students and future educators to understand what they should explore to be able to appreciate and choose artistic resources suitable to their teachings, they had to interview artists about their craft and question the significance of an artistic presence to the classroom.

Students personally interview artists during their studies and create individual repertoire of regional artistic and cultural resources through exchanges in the classroom.

Keywords: initial training, artistic education, educational resources

²⁶⁵⁾ Haute École Pédagogique des Cantons de Berne Francophone, Jura et Neuchâtel, Suíça. E-mail: anavanessa.lucena(at)hep-bejune(dot)ch



1. Introdução

As práticas didáticas de recepção de obras de arte se enquadram na concepção de ambientes didáticos (Brousseau, 1998) e modificando o lugar de referência dos objetos culturais no ensino/aprendizagem das artes visuais (Mili & Rickenmann, 2005). Os objetos culturais de referência nas artes visuais dizem respeito as obras de arte, em particular aquelas vinculadas ao patrimônio cultural regional a elas associado, visitas a museus, galerias e as oficinas de artistas. A escola primária pode oferecer aos alunos a oportunidade de ver outras coisas, de olhar de forma diferente, com curiosidade ativa, para o este ambiente artístico. Para que isso aconteça, os professores devem se tornar os primeiros mediadores dessas descobertas.

Partilhando com outros formadores a convicção de que a tarefa essencial do ensino das artes visuais é de provocar a entrada do aluno na cultura artística. Ajudando-o, através de ferramentas especialmente concebidas a este propósito, a pensar e compreender e, porque não, a dar sentido aos saberes e práticas relativos aos campos culturais. Assim, eu instalei um sistema de formação inicial que visa orientar os estudantes, futuros professores para a sua própria vivência cultural através de experiências estéticas na ideia de se situar face ao patrimônio artístico que o rodeia. Para questionar em que direção estes deveriam olhar como professores para poder apreciar e escolher os recursos artísticos, eles tiveram durante sua formação inicial de docente de questionar os artistas sobre a importância da presença artística na sala de aula. A ideia é de conhecer antes de agir sobre os recursos culturais do patrimônio próximo.

Visitar um artista vivo e seu estúdio, é uma fonte quase inesgotável de projetos que se prestam a uma exploração didática direcionada. O primeiro objetivo não é o encontro em si, mas desenvolver nos futuros professores a visão do artista como recurso pedagógico. Para além de um contacto inicial, trata-se, portanto, de encorajar o estabelecimento de vínculos duradouros para que se criem cumplicidades que possam ser exploradas de forma recorrente na prática profissional dos estudantes.

Em outro nível de análise, sabemos que “deixar o aluno diante de uma obra de arte é, sem dúvida, às vezes condená-lo ao silêncio ou ao pisoteio improdutivo; Dirigir o olhar, na hora errada, é substituir a apropriação progressiva da obra pelos discursos dos outros e, na realidade, fazer desaparecer o próprio encontro, na sua singularidade” (Chabanne, 2012, p. 39)²⁶⁶. Mas e os encontros com os próprios artistas? Eles seriam mais propícios às experiências estéticas dos alunos? “Encontrando os artistas, esse mínimo de inserção em seu mundo” seria necessário “para que as obras que eles oferecem passassem a existir” (Heinich, 2009, p. 6).

Mas como desencadear uma dinâmica de parceria duradoura para que os futuros professores venham a identificar os criadores artísticos como um recurso didático à sua disposição e em benefício dos seus alunos? Durante a formação inicial, trataríamos de criar um mecanismo de encontro entre os futuros professores e os artistas, mantendo as especificidades e objetivos de cada um dos parceiros e planejando o tempo necessário para se conhecer.

²⁶⁶) Todas as traduções são livres e realizadas pela autora.



2. Apresentação do sistema

O interesse prático deste dispositivo seria de levar em consideração, na formação dos futuros professores generalistas, as possibilidades de utilização do meio artístico e patrimonial do eixo temático cultural mais amplo do PER²⁶⁷⁾. É estabelecido neste plano de estudos que os professores devem: “preparar e utilizar nas aulas o encontro com o campo artístico”, bem como “apresentar aos alunos os vários lugares e manifestações culturais”. Os usos de atores e instituições culturais tornam-se assim uma grande referência para a produção de ambientes didáticos (Mili & Rickenmann, 2005, p. 443).

Segundo Claude Roux (1999), no contexto da instituição escolar, não se pode definir a arte porque não tem que sê-lo. Visto que qualquer ensino considerado como arte é imediatamente qualificado de educação artística. “Na verdade, se a arte não pode ser ensinada, o mesmo não se pode dizer do artístico que, por sua vez, oferece uma melhor conexão ao ensino porque é identificável em comportamentos e objetos. Produtores de sentido: obras de arte” (Roux, 1999, p. 44).

A definição empírica que a "arte é tudo o que se chama arte" permanece onipresente e se amplifica com a arte contemporânea. No entanto, no primeiro ano de formação em ensino de artes visuais para futuros professores generalistas da HEP-BEJUNE²⁶⁸⁾, a questão de uma definição da arte surge rapidamente. Os debates sobre o conceito de arte ocorrem na formação dos alunos antes das práticas nas aulas de estágio, a fim de identificar suas representações prévias. Devemos então ter tempo para nos questionar, para criar atividades iniciais de treinamento que supostamente ajudem a abordar uma definição da arte que seja útil para suas futuras intenções de ensino.

Partindo da convicção de que as práticas didáticas de recepção cultural são suscetíveis de desenvolver nos professores um saber didático em educação artística, trata-se então de começar por propor dispositivos de ensino no sentido de desenvolver nos estudantes uma curiosidade na busca de uma proximidade e de um diálogo com parceiros vinculados a objetos culturais de referência (Marquez, 2018, pp. 143-158). A ideia seria de formar a experiência estética os futuros professores, visitando ateliês de artistas, criando assim para a concretização da experiência cultural, uma proximidade e a familiaridade com o espaço da produção artística e com os objetos culturais de referência. Grize especifica que "dar sentido a algo é sempre desenvolver uma determinada forma, dando-lhe um conteúdo" (Grize, 2007, p. 92-93). O acompanhamento da apropriação didática pelo aluno dos espaços extracurriculares que são as oficinas inicia-se com diálogos com os artistas. Grize chama isso de “área de entendimento comum” (Balslev, 2007, p. 87). Os estudantes entrevistam os artistas pessoalmente durante seus estudos e, por meio de discussões durante os cursos de artes visuais, elaboram um repertório de recursos artístico-culturais de sua região.

Em grupos de dois ou três, os estudantes do primeiro ano de formação encontram um criador artístico visual que mora na sua região, ou pelo menos perto de suas casas. O

²⁶⁷⁾ Plano de Estudo Romand (Suíça).

²⁶⁸⁾ Haute École Pédagogique-Berne francófona, Jura et Neuchâtel.



encontro com o artista visa aproximar-se de sua obra criativa, suas produções e sua arte. Pode decorrer no seu atelier, em frente a uma ou mais criações ou em numa exposição, devendo incluir um momento de entrevista. A estrutura desses encontros e questionamentos específicos fica ao critério dos estudantes. Posteriormente, eles devem identificar e sintetizar em uma frase o pensamento central que vai emergir das entrevistas: "Minha Arte é ...", e ilustrá-lo por meio de uma criação artística pessoal e individual. Eles podem dar asas à imaginação, desde que a frase que sintetiza seu encontro permaneça decifrável em sua produção final. Sendo o encontro e as trocas de ideias entre o artista-estudante o objetivo principal deste exercício, as produções artísticas advêm apenas como "ilustrações" das respostas obtidas. A ideia aqui seria que os estudantes se habituassem às produções e apreciações estéticas ao mesmo tempo que exploram as práticas dos artistas. Constroem assim, através de encontros informais, conhecimentos sobre as obras e as abordagens artísticas que os envolvem, iniciando assim um processo de questionamento para uma possível "didatização" das obras e artistas visitados.

Os objetivos formativos seguidos por este dispositivo pressupõem a ascendente: Refletir sobre a relevância do artista como recurso pedagógico; e a vazante: Refletir sobre parcerias didático-artísticas criando um repertório de artistas da região disponíveis para intervir nas aulas de arte da escola primária.

3. Encontros com artistas

Como observa Ardouin, (1997, p. 37), "questionar obras e práticas requer [...] uma atenção particular ao mundo, uma postura particular, que não é necessariamente a da criação, mas uma análise da criação". Cultivar-se "na relação com a arte" requer, portanto, o encontro ou o diálogo com a obra e os artistas, missão da qual devem e podem participar os professores, desde que tenham consciência desta necessidade de mediação cultural para a formação artística. Um encontro com o mundo da arte através de artistas vivos permite aos futuros professores abordar uma obra criativa, uma obra singular e uma definição atual da arte. Este projeto dirige-se assim a alunos do 1º ano do HEP que pretendem lecionar no ensino básico (alunos dos quatro aos doze anos) como generalistas. Esta formação é propícia ao questionamento e abertura à cultura geral antes de introduzir conhecimentos mais didáticos. Atualmente em sua terceira edição, trata-se de um dispositivo a ser repetido anualmente com os novos estudantes.

Em duplas ou trios, cada grupo de estudantes deve escolher um artista plástico para descobrir e conhecer durante o primeiro semestre de formação. As visitas podem ser planejadas de diferentes maneiras. Por exemplo, os estudantes podem organizar uma única visita ou vários encontros. Algumas visitas são voltadas para o conhecimento de uma técnica (observação do trabalho em estúdio), enquanto outros encontros serão simplesmente contemplativos das obras expostas. Em todos os casos, os estudantes devem passar por um momento de questionamento verbal com o artista. A forma, estrutura e conteúdo dessas entrevistas não estão sujeitos a nenhuma obrigação particular e são definidos individualmente de acordo com as necessidades e o interesse de cada grupo. Aqui fazemos a aposta que, a partir do momento em que os estudantes encontram e questionam o artista, eles passam também a apreciar as suas produções artísticas e a aproximar-se da sua visão da arte. Estes encontros são importantes e interessantes para os estudantes porque são repletos de anedotas de todos os tipos e de informações sobre o artista e a sua obra suscetível de despertar a sua curiosidade, es-



timular a sua imaginação e aperfeiçoar os seus conhecimentos artísticos. Posteriormente, os estudantes podem utilizar estes novos recursos para responder às suas questões imediatas e/ou inspirar-se neles para conceber a síntese que corresponde à sua própria produção artística. Todas essas questões conduzem a um conjunto de informações que podem ser reaproveitadas pelos estudantes a curto e longo prazo.

Esses encontros exigem um mínimo de organização. Normalmente, o que constitui um problema neste momento do projeto não é a obtenção de informações sobre os artistas regionais, mas sim a falta de tempo disponível para os estudantes concluírem os seus encontros. Um primeiro contacto, certas rejeições dos artistas e propostas de horários difíceis de “agendar” são os principais obstáculos a ultrapassar. Como gerenciar essa atividade fora do horário escolar? A autonomia desejada pode ser lesada se os estudantes realizarem esta atividade durante o horário de aula da HEP.

4. Produções dos estudantes

De onde vêm os recursos artísticos dos professores quando eles os usam realmente nas aulas regulares? Em alguma relação com a arte? Da sua experiência artística adquirida ou vivida? Espaço ou da escola de formação de professores? No âmbito de uma entrevista-descoberta com um artista vivo, a diversidade das obras e as personalidades disponíveis oferece múltiplas visões que fornecem respostas na encruzilhada de leituras plásticas, históricas, sociológicas e mesmo políticas de uma definição do que a Arte.

De acordo com os objetivos deste dispositivo de formação, para completar a visita e transmitir os resultados nas trocas visualmente na aula, os estudantes devem criar uma produção plástica que sintetize o pensamento do artista encontrado: "A Minha Arte é ...". Essas produções artísticas são uma espécie de "resumo artístico" das respostas dos entrevistados. Com efeito, a percepção estética da obra do artista que se exerce durante o encontro se alia a uma transferência de saberes plásticos por parte do estudante, dando origem a produções plásticas que invocam processos e técnicas variadas, servindo ao sentido das respostas obtidas e da expressão pessoal do estudante. Aqui, o papel que as obras de referência desempenham em termos de recepção cultural limita-se ao de desencadear um processo criativo no estudante, evitando a utilização de modelos para serem imitados.

Durante a apresentação das produções, os estudantes também incluem informações gerais sobre os artistas, com seus dados de contato e a possível disponibilidade para vir nas salas de aula do ensino fundamental. Essas inúmeras referências artísticas - 10 artistas por classe de estudantes - não devem ser consideradas como modelos, mas devem ser capazes de sugerir novos processos de criação. As apresentações das produções e as informações trocadas sobre os artistas entrevistados ampliam o conhecimento dos estudantes sobre seu espaço artístico regional e formam a base na classe de uma mesma cultura artística. Após a formação, é possível recuperar essas informações e as contribuições técnicas dos artistas para alimentar outras atividades nas classes e escolas onde eles vão lecionar.

As apresentações das produções durante o exame do primeiro semestre enquadram-se em vários gêneros e processos: pinturas, fotomontagens, instalações e esculturas. Eles apresentam as principais características dos artistas encontrados. Como mencionado acima, essas produções pretendem não ser “modelos” e são colocadas em relação com



as respostas dos artistas entrevistados. Para completar estes suportes de expressão, os estudantes apresentam aos seus colegas, por meio de projeções de vídeos ou de fotos, informações sobre os artistas visitados: nomes, exemplos de obras, endereços das oficinas, bem como a resposta à pergunta “Minha Arte é ...”. Essas informações são coletadas na hora da apresentação e armazenadas na plataforma Moodle do curso para que sejam visíveis a todos os estudantes. O conteúdo e a forma dessas informações são altamente variáveis e dinâmicas. Cada grupo de estudantes apresenta o seu artista de forma original, compondo assim repertórios de recursos singulares, mas facilmente utilizáveis por todos.

5. Conclusão

Segundo Marquez (2017, p. 156) “o processo de inserção da criatividade na escolaridade obrigatória continua a ser um projeto vão se não estiver associado à experiência estética que resulta do trabalho de interação com as obras de arte e outros objetos e práticas do patrimônio cultural”. A apropriação dos espaços culturais é o objetivo e o recurso desta atividade formativa. A ideia é que um objeto de referência cultural (produção artística) possa contribuir para a construção de saberes didáticos a partir da experiência cultural dos estudantes. Trata-se, portanto, de atuar rapidamente com os futuros professores sobre a liminar, descrita no curriculum suíço, de educar os alunos na recepção de objetos culturais de referência.

A passagem entre a apreciação das obras e os artistas encontrados constitui um processo que vai desde a aprendizagem da recepção artística à formação da experiência cultural dos alunos. No entanto, compartilhando a afirmação de que “ensinar o ato criativo é impossível; mas (que) isso não significa de forma alguma que o educador não possa contribuir para sua formação e sua manifestação” Vygotsky (2005, p. 357), esses encontros também conduzem a criações artísticas. É concebível que, por meio dessa dupla dinâmica de apropriação cultural, os encontros com os artistas se tornem objetos “didatizáveis” (a obra convocada para o espaço didático) pelos alunos. Os futuros professores têm mais conhecimento e competência para fazer suas escolhas quanto ao conteúdo a ser ensinado por e com esse ou aquele artista, extrapolando o quadro escolar para reinvestir em outros espaços culturais, como oficinas e salas de aula. Para isso, a composição de um repertório com os dados de contato de cada artista visitado constitui o elemento fundamental do dispositivo. Este repertório é alimentado por importantes informações relativas à disponibilidade dos artistas para virem nas escolas, nas aulas, para mostrarem os seus workshops e também sobre as suas intenções e pensamentos em relação à educação artística.

Este sistema de formação está a ser aplicado na HEP-BEJUNE há cinco anos, mas a sua implementação não tem sido apoiada cientificamente. Assim, fazer um balanço desse ensino nesta fase seria precipitado. Apesar dos ecos informais dos antigos estudantes que participaram do dispositivo sobre determinadas intervenções e visitas pontuais dos alunos às oficinas de artistas presentes nos repertórios, isso ainda não corresponde a uma prática sistemática. Diante dessas constatações, e no atual estado de avanço desse dispositivo, seria relevante realizar nossa análise exaltando o aspecto novo dessas experiências do ensino fundamental. No entanto, os primeiros anos de docência às vezes são difíceis para a aplicação de dispositivos “inovadores” e os jovens professores precisam de tempo para desenvolver confiança profissional suficiente em sua implementação. Portanto, a aplicação do aprendizado e dos recursos desenvolvidos pelos



estudantes estagiários pode se intensificar ao longo dos anos. O objetivo é que, em um futuro próximo, encontros com artistas que compartilham a sociedade onde vivem seus alunos façam parte dos projetos que novos professores optem para desenvolver o ensino das artes visuais na escola primária.



Referências bibliográficas

- Ardouin, I. (1997). *L'éducation artistique à l'école*. Paris: ESF éditeur.
- Balslev, K. (2007). La construction d'une zone de compréhension commune avec l'apprenant adulte lors de la révision d'une lettre, in *Langage & Pratique*, 40, 86-96.
- Barboni, M., Gache, M. & Ronin M.-A. (2003). *Reconstruire le désir d'apprendre par les pratiques artistiques*. Issy-les-moulineaux. Paris: ESF éditeur.
- Brousseau, G. (1998). *Théorie des situations didactiques*. Grenoble: La Pensée sauvage.
- Chabanne, J.C. (2010, fevereiro 3-6). L'activité de l'enseignant dans les situations de rencontre avec des œuvres d'art (littérature, arts visuels): quels gestes professionnels spécifiques? (Co)activité de l'enseignant et de l'élève au moment de parler de l'œuvre. [Comunicação]. *2e Congrès International de Didactiques: L'activité de l'enseignant: Intervention, Innovation, Recherche*. Université de Gérone, Barcelona, Espagne.
- Coulbault, C., (2008) *Ecole et création: de la rencontre au désir*. Paris: Éditions Le passager clandestin.
- Conklin, W. (2014). *Stratégies pour développer la pensée critique et créative*. Montreal: Chanelière Education.
- Giglio, M. (2014). Créativité, professionnalité enseignante et construction de compétences nouvelles par une activité de "recherche-formation". *Formation et profession*, 24(2), 3-4.
- Grize, J.B. (1997). *Logique et langage*. Paris: Ophrys.
- Heinich, N. (2009.) *La fabrique du patrimoine. De la cathédrale à la petite cuillère*. Provence: Maison des Sciences de l'Homme.
- Marquez, F. (2018). Créativité et création en arts plastiques et visuels. Analyse de deux attentes dans le parcours scolaire. *Formation et pratiques d'enseignement en question*, 23, 143-158.
- Mili, I., & Rickenmann, R. (2005). La réception des œuvres d'art: une nouvelle perspective didactique. *Revue suisse des sciences de l'éducation*, 27, 431-452.
- Roux, C. (1999). *L'enseignement de l'art. La formation d'une discipline*. Paris: Editions Jacqueline Chambon.
- Savoie, A., Émond, A.-M., Gagnon-Bourget, F. & Gosselin, P. (2014). *Actes du colloque sur la recherche en enseignement des arts visuels*. Montréal: CRÉA Éditions.
- Vygotski, L. (2005 [1965]). *Psychologie de l'art*. Paris: La Dispute.

